

VÁRIA

A Pré-história do Concelho da Figueira, foz do Mondego

Novos descobrimentos feitos nos Arquivos

O eminente Arqueólogo, Doutor António dos Santos Rocha, meu saúdoso Amigo e meu venerando Mestre, ao fazer o reconhecimento metódico dos despojos pré-históricos do actual concelho da Figueira, chegou à conclusão, várias vezes repetida em seus escritos, ao tratar da situação dos monumentos megalíticos, de que parecia — «*existir algum costume peculiar de sepultar os mortos nas eminências*» (1).

Com efeito nunca encontrou nenhum dólmen, a não ser nas chapadas que seguem pela linha da cumiada da Serra do Cabo Mondego, afastada sempre das suas vertentes, quer do sul quer do norte, o que levou a tirar semelhante conclusão.

Na Secção dos Reservados da Biblioteca Nacional de Lisboa, encontrei uma fôlha avulsa, com uma interessante aguarela, que mostra ter havido, também, dólmenes na planície do sopé norte da mesma Serra.

Mandei fotografar êsse valioso documento, que depois foi inteligentemente retocado no Instituto Geográfico e Cadastral, devido aos bons officios do meu ilustre Amigo Senhor Doutor Pina Manique, a quem patenteio o meu reconhecimento, e dêle dou uma reprodução (fig. 1).

Nada menos de três dólmenes num curioso agrupamento, formavam mais uma ramificação, agora na planície, da vasta necrópole que Santos Rocha descobrira nas alturas e estudara com tamanha proficiência.

O trabalho artístico executado com todo o esmêro e rigor pelos processos técnicos usados na época em que foi feito, está assinado por Francisco António Raposo, que penso ter sido um official do exército, que por ordem do govêrno de então, fêz o

(1) Santos Rocha, *Antiguidades Pré-históricas do Concelho da Figueira*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1888-1900, págs. 36, 84, 168, 256. Cf. pág. 235.

estudo da Serra do Cabo Mondego para o reconhecimento dos filões de carvão de pedra, já explorados desde o tempo do Marquês de Pombal.

É bem sugestivo o pequeno texto que serve de elucidação ao desenho, e que vou reproduzir na íntegra.

«Sepulturas antiquíssimas, situadas ao norte do Cabo Mondego entre a villa de Quiaios e a praia do Mar Oceano.

Hum continuado vento Sul d'Oeste descobriu, fazendo remover para outra parte a grande quantidade d'areia que ali se achava amontoada, e que athé aquella epoca deixou ignorar a existencia de taes Monumentos: Segundo a tradição de aquelles povos, acharam-se dentro desta (*sic*) Sepulturas ossos d'Esqueletos humanos, com desmarcada grandeza, figurando elles, o tamanho da Caveira que acharão, com o de hum cantaro de conduzir agoa. Em 1781, o Desenhador e seus dois Irmãos excitados pela curiosidade de verificarem a noticia de tão extraordinaria grandeza, mandaram principiar a fazer algumas excavações, e não achando vestigio algum, abandonarão aquelle trabalho para seguirem a Comissão de que estavam incumbidos. N. B. A figura que se vê proximo a huma das Sepulturas, serve como de petipe para se ajuizar da grandesa do objecto.»

À História da Arqueologia Portuguesa, e, à Pré-história do Concelho da Figueira, foz do Mondego, vem agora juntar-se, mercê do espírito ilustrado e curioso dos três Irmãos Raposos, um tão notável descobrimento, registado com tanta intelligência e critério, só agora publicado pela primeira vez.

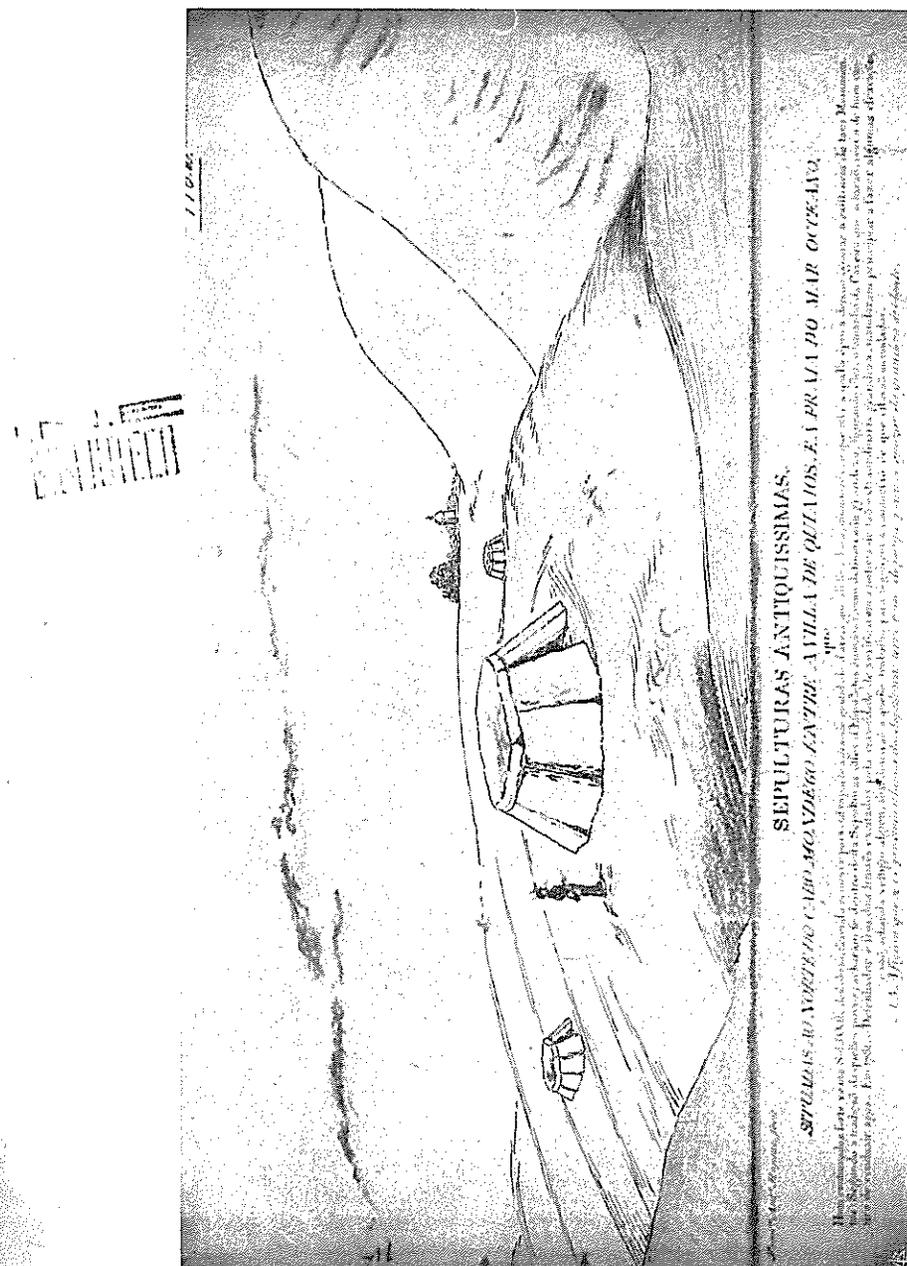
*

* *

Nos documentos locais pertencentes aos Cartórios das Instituições Eclesiásticas pelas quais estava dividido e partilhado o actual concelho da Figueira, e que eu tive ocasião de pacientemente estudar (1), há muitas referências a—*mamoas*—, sobretudo notadas e utilizadas como pontos de referência nos limites dos vários Coutos.

Logo em plena Idade-Média, na Doação feita por D. Afonso Henriques de metade de Quiaios ao Mosteiro de Santa-Cruz, em Junho de 1143, que se guarda no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, no Livro Santo, fol. 270, V, e também na *Colecção*

(1) Mesquita de Figueiredo, *Monografia histórica do actual Concelho da Figueira, foz do Mondego. Trabalhos heurísticos*. Coimbra, 1942.



Especial, Parte II, Caixa 55, Maço 5, doação já publicada ⁽¹⁾, há referência às *mamoas* de Sobre-São-Paio e de Paio-João, marcando o limite do território do Couto de Quiaios e, no mesmo Cartório de Santa-Cruz de Coimbra, no Livro das Demarcações que Gregorio Lourenço fez no anno de 1520, dos limites entre o Couto de Tavarede, pertencente ao Cabido de Coimbra, e o Couto dos Redondos, pertencente a Santa-Cruz, há também referência às já citadas *mamoas* de Sobre-São-Paio e de Paio-João, e ainda às da Ovelheira e do Fulo.

Na demarcação entre o Couto de Tavarede e o Couto das Alhadas, há nova referência à *mamo*a de Paio-João. As mesmas duas *mamoas* de Sobre-São-Paio e de Paio-João, eram ainda assim conhecidas em 1754, como se vê no — Auto de demarcação entre Tavarede e as Terras da Vila-dos-Redondos — existente no Arquivo da Universidade de Coimbra, Cartório do Cabido da Sé da mesma cidade.

Aparece-nos, porém, neste Auto de demarcação, uma referência a nova *mamo*a, o — Outeiro da Mamuinha, assinalado, ora como um «*cabecinho muito pequeno*» ora, como o Monte de Mamuinha, «*que hé o mais alto da Serra (sic)*...»

Parece-me de interêsse publicar parte do que os louvados disseram àcerca desta última *mamo*a, porque ela encerra um verdadeiro monumento pré-histórico, como ao diante se verá.

«... até ao monte da mamuinha, se achavam tres pedras que os louvados declararam serem as marcas que devediam os termos de Redondos, de Quiaios e Alhadas, e que falta o marco do Reverendissimo Cabido, porem que ahi estivera sempre desde que elles louvados se lembravão, por forma que havia bõa dicção de que no sitio se ajuntavam quatro Juizes, a saber: dos Coutos de Tavarede, Redondos, Quiaios e Alhadas, assentando-se cada hũ no seu marco, faziam sua merenda no dia de São Silvestre ou do Anno bom...»

E, mais adiante diz-se:

«... se achou ser um outeiro que está no Pedrosam (*sic*), cujo outeirinho, disseram os louvados se chamara sempre — *mamo*a Sobre São Paio, por ficar sobre huma capelinha da dita invocação [que ainda hoje existe], que fica nas fraldas do dito

(1) Reuter, *Chancelarias Medievais Portuguesas*, 1. *Documentos da Chancelaria de Afonso Henriques*. Coimbra, 1938. Págs. 177-178, documento n.º 123.

monte pera a parte do nascente, cujo nome — *mamoa*, disseram os louvados se derivara de ser redondo, como uma mama ou peito de mulher, e essa mesma propriedade de ser redondo tem o dito outeirinho chamado *mamoa*, no qual se acharam muitos penedos nativos, o que se não verifica no outro outeirinho, a que a demarcação do Reverendo Cabido chama monte da — *Mamuinha*

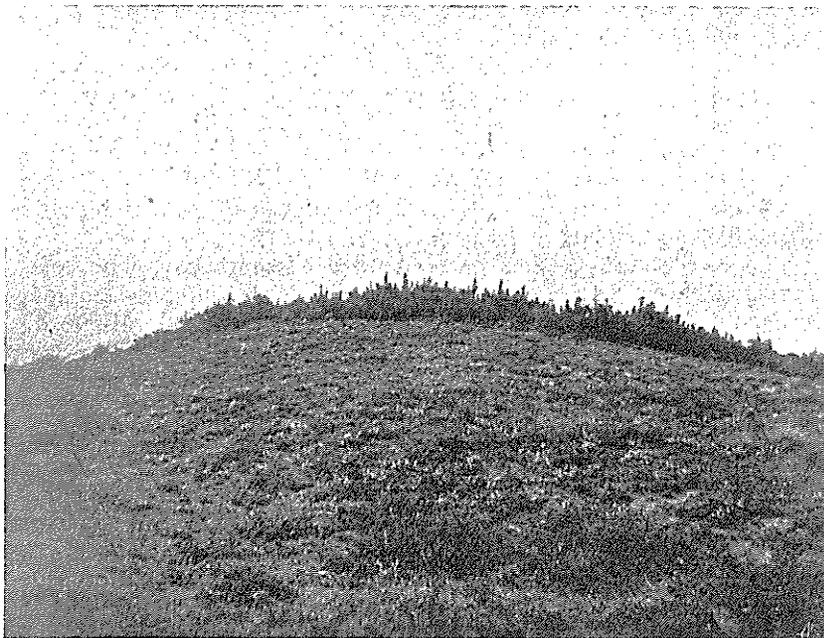


Fig. 2 — Mamuinha do Casal da Serra, junto ao moinho do Planeta

— a onde estava o 7.º marco da sua demarcação, no qual se não acha penedo algum nativo á face da terra, porque suposto se perceber hũa pedra que não hé toliça (*sic*), está enterrada na terra mais de quatro ou cinco palmos, e não pode ser aquelle em que a demarcação do Real Mosteiro de Santa Cruz, dice se fizeram cruces, porque pera isso havia de estar á face da terra e nam tam profundo, sem que possa dizer-se, que havendo 233 annos, que a dita demarcação foi feita, podia desde esse tempo athé o presente enterrar-se o dito penedo e estar agora debaixo da terra, como está, quatro ou cinco palmos, porque

como a terra naturalmente corre do alto para baixo, sendo o dito outeirinho, a que a demarcação do Reverendo Cabido chama — *Mamuinha* — mais eminente do que o marco que tem em volta pelo lapso de tanto tempo havia de estar descoberto o penedo ainda mais do que estivera no tempo da demarcação, e elle fôsse o mesmo em que a demarcação do mosteiro diz se fizeram as cruces por cujo motivo, e porque o outro outeiro acima referido

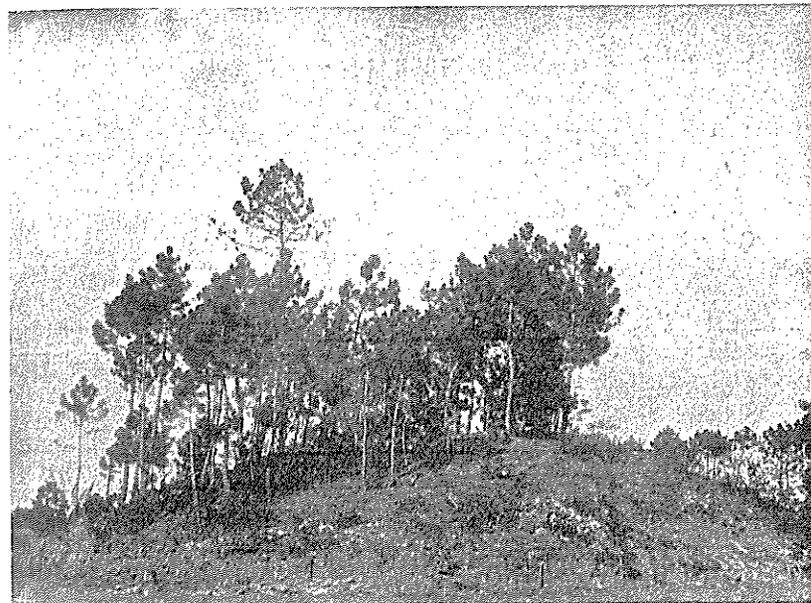


Fig. 3 — Mamôa na Serra do Cabo Mondego, que encerra um dólmen, ainda não explorado

a que chamam *mamôa* está mais Sobre São Paio e tem como dito seja muito penedo nativo e se chamou sempre Mamuinha Sobre São Paio, até entendem e declaram elles louvados, que pelas referidas circunstancias vinha a ser o mesmo que se refere a demarcação do Real Mosteiro de Santa Cruz, feita no anno de 1520, e que se com ella se conformasse, a que se fez por parte do Reverendo Cabido no anno de 1702, o dito cabeço ou oiteiro chamado mamoa de Sobre São Paio, havia de vir ao 7.º marco da dita demarcação do Reverendo Cabido, e não ao Monte de Mamuinha, donde veiu... >

Desta inquirição provocada pela confusão de limites e de marcos, pôde-se concluir que a *mamo*a *Sobre-São-Paio*, seria um montículo natural, semelhante a muitos que o Sábio Santos Rocha encontrou, como a *mamuinha* de José Marques (1), e sobre que escreveu — : «Não faltam nesta região relevos do solo com aparência suspeita; mas são inutilmente explorados. Nós temos uma triste experiência destes trabalhos fatigantes e desanimadores durante doze anos».

Não acontecia, porém, o mesmo ao outeiro da *mamuinha*, como vamos ver.

Em 28 de Setembro de 1898, já passou quasi meio século, convidou-me o eminente arqueólogo Santos Rocha, para assistir à exploração dum dólmen, e recebi nesse dia uma das mais proveitosas lições práticas dadas pelo Mestre, sobre a maneira rigorosa como se faz a exploração dum monumento megalítico.

Um grupo de sócios da Sociedade Arqueológica da Figueira-da-Foz, de que Santos Rocha era Presidente, composto pelos Professores de Ensino Primário, Augusto Goltz de Carvalho, Pedro Belchior da Cruz, Pedro Fernandes Tomás, este Professor da Escola Industrial Bernardino Machado, todos com bibliografia arqueológica e folclórica, e quem escreve esta notícia, seguimos pela estrada de Tavarede até à Serra-da-Boa-Viagem, e, à entrada do Casal deste nome, do lado direito, junto a um moinho de vento construído de madeira, típico desta Região — o *moinho do Planeta* — esperavam-nos junto à *mamuinha* (fig. 2) um compadre de Santos Rocha, a quem ele chamava o seu Colector, Francisco Dias Cardoso, de alcunha — *Cerol* — e, um trabalhador já afeito às explorações arqueológicas chamado Romeiro, ambos de Brenha.

Começou a escavação no centro do montículo e entrou logo na câmara do monumento, que já não tinha laje de cobertura, descendo até ao terreno virgem do subsolo; a seguir foram pesquisadas cuidadosamente as bases dos esteios, onde muitas vezes se encontram, mesmo nos dólmenes profanados, como este estava, depósitos intactos. Mas infelizmente neste megalítico, nem na câmara nem na galeria de entrada se encontrou qualquer vestígio arqueológico (2).

Os documentos ainda dão notícia de mais duas *mamoas*: a do Meio, entre a do Cabeço da *Mamuinha* e a de *Sobre-São-Paio*; e a *mamo*a da Bouça, na freguesia de Quiaios. Seria interessante identificar agora tôdas estas *mamoas*, que os documentos men-

(1) Santos Rocha, *obra citada*, pág. 120.

(2) Santos Rocha, *obra citada*, págs. 189-190.

cionam, e verificar se elas contêm dólmenes, como encerra, e, está por explorar a que se mostra na figura 3.

Terminada a exploração da *mamuinha*, que está junto ao moinho do Planeta, seguimos todos para o *Crasto*, estação pré-romana de alto valor arqueológico, também explorada por Santos Rocha, e o seu estudo publicado no segundo volume da Por-



Fig. 4 — Sociedade Arqueológica da Figueira. Grupo de sócios, da direita para a esquerda: 1 — Augusto Goltz de Carvalho. 2 — Doutor Santos Rocha, Presidente da Sociedade. 3 — Pedro Belchior da Cruz. 4 — Pedro Fernandes Tomás. 5 — Dias Cardoso, colector da Sociedade

tugália. Ali junto a um corte, que o Mestre tinha mandado fazer na trincheira norte deste velho povoado fortificado, fotografei os excursionistas, e saudosamente vai aqui reproduzido o grupo que está inédito, e é de valor documentário, porque já desapareceram do número dos vivos todos os fotografados, e a Sociedade Arqueológica da Figueira, mais tarde crismada em Sociedade Arqueológica Santos Rocha, também já se extinguiu.

Lisboa, S. Sebastião da Pedreira, 28 de Janeiro de 1943.

ANTÓNIO MESQUITA DE FIGUEIREDO.

A tatuagem entre as tribos de Angola (I — Songos)

Recua e perde-se nos remotos tempos da antiguidade o hábito da tatuagem, que foi, e é ainda hoje, seguido por muitos povos do globo, atingindo nalgumas regiões um carácter altamente artístico, como na Nova-Zelândia e nas ilhas da Polinésia.

Entre os civilizados essa prática acha-se hoje circunscrita quasi exclusivamente, como é sabido, a certos sectores e camadas sociais (meretrizes, homens do mar, cadastrados, etc.).

Mas, entre os povos ditos primitivos, a tatuagem continua ainda hoje largamente difundida, e oferece à curiosidade dos investigadores e artistas motivos de estudo muito interessantes.

*

Os «Songos» constituem uma das chamadas «tribos da Lunda».

Tive recentemente ocasião de examinar cinco indivíduos do sexo masculino, adultos, pertencentes a esse grupo étnico e naturais da região do rio Luando, área do pòsto de Neves Ferreira.

Nêles observei grande quantidade e variedade de tatuagens, o que me levou a examiná-los mais detidamente, tendo chegado à conclusão que seria interessante descrevê-las mais pormenorizadamente, pois, como é do conhecimento de todos, são ainda escassos os elementos que a tal respeito possuímos sobre os negros angolanos.

No seu bem elaborado trabalho sobre as mutilações étnicas nos aborígenes de Angola, o Dr. António de Almeida não se refere especialmente aos Songos, mas, falando genèricamente das tribos da Lunda, diz que tôdas se tatuam por escarificação e incisão, o que está em parte de acòrdo com as minhas observações. E digo em parte, porque também verifiquei a existência de tatuagens pigmentares entre a gente dessa tribo.

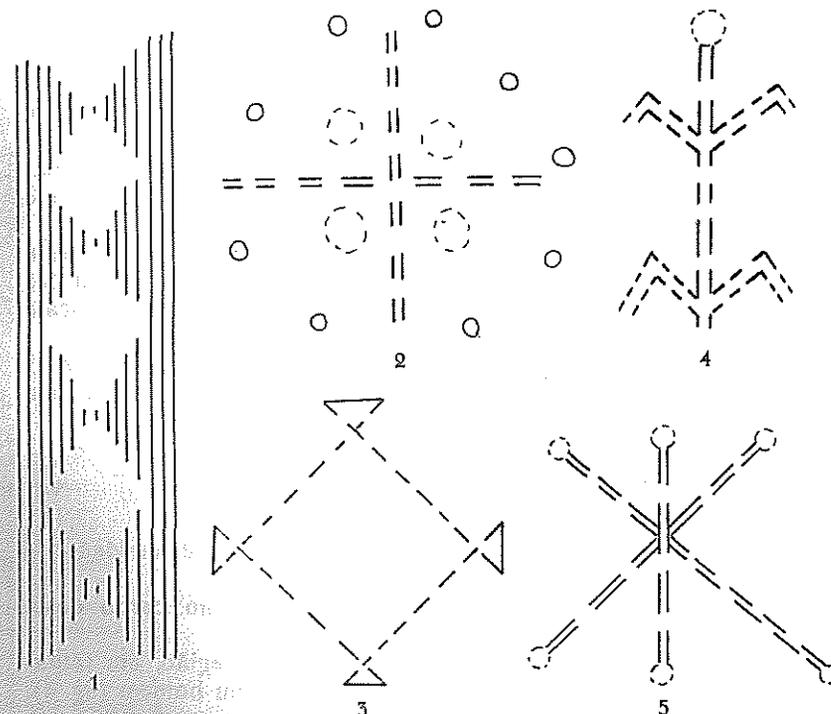
No livro de Ferreira Denis sobre as populações indígenas de Angola nada encontrei sobre a tatuagem nos Songos.

*

Os cinco Songos, que estudei, apresentavam todos muitas tatuagens e em diversas regiões do corpo.

Interrogados sobre as razões que os levaram a fazer tais mutilações, todos me responderam que elas constituem, tanto para os homens como para as mulheres, motivo de embelezamento e adôrno muito em voga entre os componentes da sua tribo.

Quero crer que, de facto, não há hoje outra razão para a tatuagem a não ser essa, e que, se outras causas existiram, lentamente se foi perdendo a sua tradição, de modo que hoje os indígenas já dela não têm conhecimento.



TATUAGENS DE SONGOS

Tenho observado tatuagens em vários grupos étnicos de Angola (nhembas, luchazes, quiôcos, ambuelas, bienos) mas nunca vi como nestes cinco songos tanta diversidade de motivos ornamentais, nem tantas regiões tatuadas em um mesmo indivíduo.

Feitas estas breves considerações, passo agora ao estudo detalhado de cada um desses indígenas a que me venho referindo, juntando uma série de desenhos esquemáticos com a qual

julgo trazer uma pequena mas útil contribuição para o estudo da iconografia da tatuagem em Angola.

Quero também esclarecer que êsses desenhos foram cuidadosamente copiados das regiões do corpo onde estavam gravados, e que entendi não os dever alterar em nada, pelo que lhes conservei a ingenuidade e irregularidade do traço.

Primeiro negro

Êste songo apresenta um grande número de tatuagens.

Ocupando todo o ventre, simetricamente de um e outro lado do umbigo, observa-se um conjunto de traços lineares e verticais, deixando entre si espaços em forma de losangos (fig. 1).

Trata-se de uma tatuagem de tipo misto, segundo a classificação do Professor Bettencourt Ferreira, classificação esta que sigo em todo o decorrer dêste trabalho.

No peito, do lado direito, notamos um desenho de forma radiada e circular (fig. 2), e no lado esquerdo um em forma das medalhas de latão que os indígenas compram em larga escala aos comerciantes europeus (fig. 3).

Ainda neste individuo notam-se, na face externa de ambos os braços, diversas tatuagens lineares do tipo misto, e na testa uma tatuagem pigmentar, linear e rectilínea.

Segundo negro

Ê o mais tatuado da série e o que maior diversidade de motivos ornamentais apresenta.

Descrevamos sumariamente o que se vê no corpo dêste songo:

Região peitoral direita: — Apresenta nesta região, em tatuagem do tipo misto, uma figura que êle diz ser um homem (fig. 4).

Região peitoral esquerda: — Nota-se uma tatuagem mista, radiada (fig. 5).

Antebraço direito: — Tatuagem mista constituída por um rectângulo, com diagonais e pequenos círculos nos vértices (fig. 6).

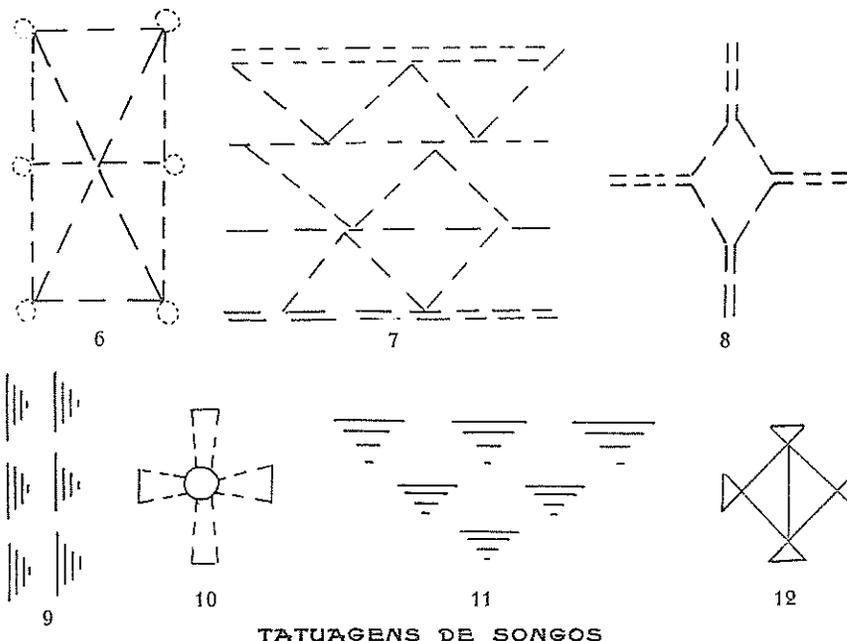
Antebraço esquerdo: — Tatuagem mista constituída por linhas rectas e quebradas, seriadas (fig. 7), lembrando os desenhos a fogo com que os indígenas costumam adornar as cabaças, facas, instrumentos musicais, etc.

Ombro direito: — Tatuagem mista, fazendo lembrar uma cruz (fig. 8).

Face interna da coxa direita: — Traços verticais seriados, dispostos em triângulos (fig. 9). Tipo misto.

Face interna da coxa esquerda: — Desenho semelhante ao da figura 3.

Costas: — Completamente ocupadas por pequenas escarificações (tatuagem em relêvo) de um centímetro de comprimento, dispostas irregularmente e em vários sentidos, num conjunto interessante e decorativo.



TATUAGENS DE SONGOS

Terceiro negro

Êste songo apresenta à observação o seguinte:

Antebraço direito: — Além de várias tatuagens mistas constituídas por pequenos traços, nota-se um desenho cruciforme (fig. 10).

Região peitoral direita: — Uma tatuagem mista constituída por traços transversais, dispostos em pequenos triângulos e formando também no seu conjunto um triângulo (fig. 11).

Face: — Vários traços lineares, pigmentares, nas regiões malares e do maxilar inferior.

Ventre: — Do lado esquerdo, traços e botões em relêvo.

Quarto negro

Apresenta no ventre uma tatuagem do tipo misto, bastante semelhante à da figura 1, mas simples.

Quinto negro

Apresenta no ventre uma tatuagem mista, idêntica à do songo que foi descrito em quarto lugar.

Além disso, também na parte média da testa se vê uma tatuagem do tipo pigmentar (fig. 12), que faz lembrar as medalhas de que falei a propósito de um dos indígenas antecedentes.

Trata-se, como se vê, de cinco indígenas bastante tatuados, principalmente o que foi descrito em segundo lugar.

Estas observações, conjugadas com as informações que os mesmos indígenas me prestaram, levam-me a concluir que entre os Songos a tatuagem é prática bastante seguida e apreciada, sendo relativamente variada a sua emblemática.

Não sei se entre esta, alguma haja que não seja a simples reprodução de objectos e figuras e tenha qualquer carácter mais transcendente e profundo, mergulhado em crenças feiticistas, ritos misteriosos, etc.

É certo que, sob êste aspecto particular do problema, nada apurei; mas isso não quer dizer que nada exista a êsse respeito.

BIBLIOGRAFIA:

BETTENCOURT FERREIRA — *Àcerca da tatuagem em relêvo* — In «Trabalhos do Primeiro Congresso Nac. de Antrop. Colonial», Pôrto, 1924.

ANTÓNIO DE ALMEIDA — *Sobre mutilações étnicas nos aborígenes de Angola* — Lisboa, 1937.

J. DENIKER — *Les Races et les Peuples de la Terre* — Paris, 1936.

FERREIRA DINIZ — *Populações indígenas de Angola* — Coimbra, 1918.

Angola, ano de 1941.

ALEXANDRE SARMENTO.

A propósito dos índices de corpulência

Em Antropologia usam-se, com o nome de índices, números que, em geral, nos traduzem a forma dum região do corpo humano. São números que exprimem, indirectamente, a qualidade do objecto descrito.

Deve-se a Retzius, antropólogo sueco, a introdução dêste processo de indicar a forma numericamente, quando pela primeira vez construiu o índice cefálico para representar a forma da cabeça.

Desde essa data que aumentaram os índices em Antropologia com a mesma disposição que lhes dera Retzius, isto é, multiplicando por 100 a menor medida dum região, cuja forma queremos definir numericamente, e dividindo depois o produto pela medida maior.

O que, no fim de contas, equivale a determinar a percentagem do menor valor relativamente ao maior tomado como igual a 100.

Mas, se na sua grande maioria, os índices são assim construídos (pois que são muito poucos os índices em que o numerador é o termo maior), índices há que saem desta norma. E neste caso segue-se, em geral, uma das seguintes regras: ou se faz tábuza raza dos princípios elementares da aritmética, como, por exemplo, no índice de Pignet em que se somam e subtraem grandezas de naturezas diferentes, ou então pretende-se que os dois termos do índice devem estar referidos às mesmas unidades ou equivalentes, como diz Rohrer.

No primeiro caso parece fácil reduzir as quantidades tôdas a uma mesma grandeza com a qual estejam relacionadas ou correlacionadas por coeficientes conhecidos.

Assim, no caso do índice de Pignet, pode-se substituir o pêso em grammas por um comprimento em centímetros, passando pelo volume, visto conhecermos a densidade média do corpo humano.

Basta fazer o seguinte cálculo, cujo resultado (*A*) substituirá o pêso na fórmula de Pignet:

$$A = \sqrt[3]{\frac{\text{Pêso}}{1,04}}$$

Ficaria êste índice com o seguinte aspecto:

$$\text{Est.} - (\text{Perim. torax.} + A).$$

Também se poderiam utilizar aqui os valores nas respectivas escalas centesimais de cada um dos caracteres que entram nos índices, para os reduzir à mesma unidade ou, se fôsse conveniente, para modificar a variabilidade do índice.

Mas o ponto de vista de Rohrer é que parece ser menos verdadeiro por excesso de rigorismo.

Basta examinarmos o que se passa no domínio doutras ciências naturais como, por exemplo, a Física. Aí temos, entre outras grandezas, a velocidade e a aceleração. Na primeira temos: o espaço pelo tempo; e na segunda, o espaço pelo quadrado do tempo.

Adoptadas as noções fundamentais é as respectivas unidades, para qualquer outra nova basta exprimi-la pelas relações que ela tiver com estas, estabelecendo assim as suas dimensões.

Ora corpulência é uma expressão de que nos servimos para indicar que um indivíduo tem um volume grande, aliado a uma estatura, pelo menos, razoável. De facto, ninguém dirá, referindo-se a um anão, por mais gordo que êste seja, que êle é corpulento. Também o mesmo se não poderá dizer dum indivíduo bastante alto e magro.

Portanto a noção de corpulência surge da relação que intuitivamente estabelecemos entre o volume e a estatura dum indivíduo. Logo o índice, que pretenda exprimir êsse carácter, tem de assentar na relação entre volume e estatura.

E Rohrer parte dêste princípio; mas, depois, eleva o denominador da fracção ao cubo, porque, segundo afirma, é necessário que os dois termos tenham a mesma dimensão, o que como vimos não é verdade. É certo que, ao pretendermos representar caracteres morfológicos por números, não podemos desprezar os princípios em que se baseia a aritmética, como fazem Pignet e muitos outros, mas, por outro lado, não devemos esquecer que a Antropologia é uma ciência natural e que os números só lhe servem, desde o momento que sejam sínteses representativas de caracteres observados.

Ora Rohrer, dividindo o pêso pelo cubo da estatura, dilui aquêle de tal modo que os resultados do seu índice nos aparecem uniformes demais, para exprimir as diferenças de corpulência que todos os dias observamos.

Portanto a corpulência deve ser representada pela relação entre o volume ou o pêso (atendendo a que $\text{Volume} = \frac{\text{Pêso}}{\text{Densidade}}$ e a que a densidade média do corpo humano é cêrca de 1,04) e a estatura.

Se, por acaso, verificássemos que esta relação simples não correspondia à nossa impressão visual, poderíamos então modificá-la por meio de coeficientes ou novas operações que ajustassem melhor os resultados às observações.

Portanto o índice de corpulência de Rohrer, que vem referido a centigramas por centímetro, nem dá a impressão da corpulência, nem a sua variabilidade dá idéia da variação desta, por o seu autor não ter atendido, principalmente, à noção do carácter que desejava representar.

Se a construção de índices exige que se conheçam os princípios elementares da combinação dos números, também não se deve nunca perder de vista a essência do carácter a descrever, não permitindo, portanto, que aquêles desfigurem a impressão morfológica de que os índices pretendam ser a expressão.

ALFREDO ATHAYDE.

Breuil em Portugal

O nosso eminente consócio, P.^e Henri Breuil, consagrado pré-historiador francês, professor do Colégio de França, fêz, desde Abril de 1941 a fins de 1942 uma demorada permanência entre nós, tendo ocupado a sua brilhante actividade em conferências nas três cidades universitárias, num curso de Pré-história e Arte Pré-histórica na Faculdade de Letras de Lisboa, e em numerosas pesquisas sôbre o paleolítico português, quer nas colecções existentes (sobretudo nas dos Serviços Geológicos de Portugal, em Lisboa, e no Museu Antropológico da Universidade do Pôrto), quer em numerosas e importantes explorações no terreno, das quais, como daqueles estudos, resultaram novas descobertas e novas sistematizações propostas para o nosso paleolítico e para a fisiografia do nosso quaternário. Estas explorações abrangeram uma grande extensão geográfica, do Minho ao Algarve, incidindo especialmente sôbre a zona costeira, e foram realizadas na companhia de vários investigadores portugueses e de cientistas estrangeiros que entre nós se encontram e dos quais teve maior participação nos trabalhos efectuados o activo e proficiente colaborador dos Serviços Geológicos, Dr. Zbyszewski.

Do mesmo modo que visitou as estações dos arredores de Lisboa, do vale do Tejo, de Rio-Maior, etc., na companhia de investigadores lisboenses, também percorreu as dos arredores do Pôrto, do Alto-Douro, etc., com investigadores da capital do norte. Não deixou, por exemplo, de visitar, com Santos Júnior, as pinturas do Cachão da Rapa, por êste redescobertas, que sempre tanto interessaram o pré-historiador francês, o qual delas já largamente se ocupara.

Está publicada pelo P.^e Breuil, em colaboração com Zbyszewski e M. Vaultier, uma nota sôbre *Les plages anciennes portugaises entre les caps d'Espichel et Carvoeiro et leurs industries paléolithiques* (1) e, respectivamente, com os mesmos colaboradores e com a colaboração do Prof. Orlando Ribeiro e de Zbyszewski apresentou Breuil ao Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, realizado no Pôrto em 1942, as duas comunicações seguintes: *Première prospection paléolithique en Algarve* e *Les plages quaternaires et les industries préhistoriques du littoral de l'Alentejo entre Sines et Vila Nova de Milfontes* (2). Está em via de publicação uma monografia mais ampla e completa do nosso paleolítico, que é aguardada com subido interêsse nos meios científicos. Entretanto, encontra-se quasi concluída a impressão dum resumo do assunto, elaborado pelo Dr. Zbyszewski, sob o título: *La classification du paléolithique ancien et la chronologie du quaternaire du Portugal en 1942* (3).

Na primeira nota é resumido um conjunto de observações sôbre a zona a que o título alude, localizando-se os principais achados de material nas praias antigas do Forte da Borralha (Espichel), de Lagosteiros e de Foz-da-Fonte (a norte do Cabo Espichel), de S. Julião da Barra, do Guincho, de Magoito, Açafora, Ericeira, Ribamar (a norte do Tejo), Consolação, Pôrto-de-Lôbos, farol de Peniche e gruta da Furninha (em tôrno de Peniche). As indústrias líticas encontradas nessas antigas praias são pobres em instrumentos clássicos e antes constituídas por calhaus talhados com técnicas diferentes segundo a idade, mas sempre de formas muito simples. Os *coups-de-poing* típicos tornam-se mais numerosos no interior do país.

(1) In «Anais da Faculdade de Ciências do Pôrto», vol. XXVII, Pôrto, 1942, p. 161.

(2) Zbyszewski, antes da visita de Breuil, já reunira numa memória *Contribution à l'étude du littoral quaternaire au Portugal*, «Anais da Faculdade de Ciências do Pôrto», vol. XXV, Pôrto, 1940, pp. 48 e 95, os elementos até então obtidos sôbre o quaternário das costas marítimas portuguesas.

(3) Publicação da Sociedade Geológica de Portugal.

Os autores crêem que aquela «fácies lusitana», tão pobre, das costas marítimas resulta não de diferenças de população ou de civilizações distintas, mas de diferenças nas necessidades. Ali bastavam, durante várias épocas do paleolítico, instrumentos simples para a apanha de moluscos; no interior a caça «exigia armas mais poderosas». Pelas margens do estuário do Tejo acima, a série quaternária, embora mais complexa, oferece factos idênticos: Alpiarça, sobretudo, forneceu numerosos instrumentos, que pertencem, na base mindelense, às indústrias antigas do clacionense e do abevilense e, nas areias que a revestem, ao acheulense, sendo êstes últimos instrumentos desgastados pelo vento.

Sucessivamente, em Novembro de 1941 e em Março e Agosto de 1942, pôde quem escreve estas linhas, examinar nos Serviços Geológicos, onde lhe foram amavelmente mostrados por Breuil e Zbyszewski, os materiais líticos colhidos não só nas zonas indicadas, como noutros pontos, especializando as indústrias de Sines e de Vila-Nova-de-Milfontes, nas quais aparecem algumas peças de morfologia curiosa e singular, talhadas quasi de modo a dar a idéia de machados encabados, e que foram associadas a outros elementos, como machados sem punho com os dois flancos esmagados e picos de estilo asturiense ou diferente. Êste conjunto foi classificado pelos autores com a designação de *mirense* (do Rio Mira), falando-se numa fácies miro-asturiense do languedocense.

Breuil tem dado especial atenção, na classificação dos espécimes encontrados, não só à sua morfologia, como também à côr, à pátina, à técnica de fabrico, ao desgaste das arestas, a todos os caracteres intrínsecos e ambientais que possam fornecer elementos para a sua classificação, para a sua cronologia, para a determinação e esclarecimento das condições de depósito, das vicissitudes sofridas, desde a sua produção, utilização e abandono pelo homem até à actualidade.

Ê bem patente a complexidade de alguns aspectos dêste estudo, complexidade que justifica na verdade certas dúvidas e hesitações, mas é negável que Breuil trouxe à investigação do paleolítico português um esforço valiosíssimo e original, a sua visão superior, esclarecida por um conhecimento amplo e profundo da pré-história de grande parte do globo, sendo seguro que a monografia anunciada trará novidades numerosas, quer em matéria de novos achados, quer na sistematização e interpretação das aquisições realizadas agora e anteriormente.

Nos fins de 1942 partiu o eminente pré-historiador para a África do Sul, depois de curta estada em Moçambique. Já tivemos

as suas notícias e sabemos que ali continua o seu fecundo labor de renovação e ampliação científica.

Numa sua jornada ao litoral minhoto, após o Congresso Luso-Espanhol de Junho de 1942, Breuil teve um incómodo dos olhos, que exigiu cuidados mas do qual felizmente se restabeleceu em curto prazo, graças à sua admirável constituição física e bela disposição moral. Fomos então, no consultório médico em que Breuil estava sendo examinado, testemunha duma atitude do grande pré-historiador que bem mostra o seu entusiasmo desinteressado e ardente pela Ciência. Em vez de como qualquer outra pessoa, tratar de saber o pronóstico do clínico, êle, que, no momento, estava quasi privado de vista, só tinha empenho em nos descrever os factos novos que observara na região de Viana. A sua saúde, a sua vida, a luz dos seus olhos, não o preocupavam: para Breuil a Ciência estava acima de tudo o que interessaria, naquelas condições, qualquer outro mortal.

M. C.

La ceca visigoda de Vilarça de Moncorvo

El taller monetario visigodo de *Vallearitia* nos es conocido por una sola moneda acuñada de Witerico que existe, — o al menos existía antes de 1936, — en el Museo Arqueológico Nacional de Madrid, cuya sala de Numismática fué objeto de crueles expolios.

Tal moneda fué adquirida en 1883 y el libro de trabajos de la sección numismática del Museo anunció la adquisición con las siguientes palabras: «...tenemos la suerte de haber incorporado a la serie visigótica un tercio de sueldo de oro acuñado en Vallaricia, ceca desconocida para el ilustrado autor Mr. Héiss» (1).

Mateu y Llópís al tratar de la *Gallaetia* visigoda nos dá de la pieza reproducción fotografica y la describe así:

Anv: VVITIRICVS REX. Busto de frente. Rev.: VALLEARITIA. Busto de frente. Peso 1'27 gr. (2).

¿Cual es el lugar de acuñación de esta moneda? Mateu y Llópís, así como Pío Beltrán, cuya opinión cita, no hallan sino

(1) F. Mateu y Llópís: *Las Monedas Visigodas del Museo Arqueológico Nacional*. Madrid, 1936, p. 26.

(2) Mateu y Llópís: *op. cit.*, p. 371, lám. xxxi.

que en los documentos eclesiásticos visigodos, cuya autoridad se acrecienta con estas investigaciones, figura una iglesia llamada *Valeritia*; mas, si bien Beltrán entiende que corresponde a una población *Aritium*, concluye que su localización es muy dudosa (1).

Pretendemos haber hallado, sin duda, el pueblo actual a que corresponde el antiguo *Aritium*, o mejor la antigua *Aritia*, puesto que se conserva aun hoy el topónimo, Vilarça, que, claro es, se descompone en *Villa Aritia*, que sería el nombre de la post-romanización siguiendo leyes bien conocidas del romance gallego-portugués. Esta Vilarça es Vilarça de Moncorvo, villa a la que convienen todas las particularidades obligadas para haber sido centro de la acuñación del numisma que nos ocupa, en la época visigoda.

En efecto, la antigua *Aritia* pertenecía, según los famosos y discutidos documentos, a la *provincia Gallaeciae* que en la época visigoda tenía por límite Sur al rio Duero, y dentro de esta provincia a la diócesis de *Portucale*, pues así se cita en aquéllos, en la relación del Concilio de Lugo, entre las iglesias de la Sede Portucalense la de *Vallacia* y en la hitación denominada de Wamba la de *Valeritia* que no son sino una misma, como se deduce de la colocación de ambas en las listas toponímicas, aunque aparezca aquella versión deturpada por los copistas. Pues bien, Vilarça de Moncorvo es villa de la provincia portuguesa de Tras-os-Montes, emplazada de la orilla derecha del Duero hacia el Norte, esto es en territorio de la Galicia visigoda y en la antigua diócesis de *Portucale*, el Oporto o Porto actual (2).

Por otra parte es curiosa advertir como la geografía conviene de elocuente modo con la expresada moneda que no dice VILARITIA, esto es VILA-ARIZA, sino VALLE-ARITIA, o sea VALE-ARIZA o Valle de Ariza, lo que indica tal vez numisma concertado para la región que alcanzaba un valle.

Oigamos a este respecto a un ilustre escritor portugués que ha investigado en la comarca de Vilarça de Moncorvo:

«En torno de Vilarça e empoleirados nos cabeços que circundam *este feracissimo vale*, tenho conhecimento dos seguintes castros: Cabeço dos Carneiros, Vila Velha, Baldoeiro, Senhora do Castelo, Junqueira, Sampaio, Vila-Maior, Cabeça Boa e Monte Meão» (3). Y en otra parte repite: «O castro de Baldoeiro fica

(1) Mateu y Llópís: *op. cit.*, p. 365.

(2) Mendes Corrêa: *As origens da cidade do Pôrto*. 2.ª ed. Pôrto, 1935.

(3) J. R. dos Santos Júnior: *As ruínas castrejas da Cigadonha (Carviçais)*. Pôrto, 1929, p. 8, nota. Lo que aparece subrayado es del autor de este artículo.

na orla do *feracíssimo vale da Vilarica* a meia encosta da pedregosa franja de granitos que limita o vale pelo lado nascente» (1).

Pero hay mas. Dicha región presenta en toda su extensión restos arqueológicos muy importantes para demostrar la existencia de poblaciones de cierta consideración en Vilarica y lugares del Valle. Ya la relación de castros que inserta queda indica el asiento de pueblos antiguos en la región. De una de tales núcleos prerromanos se conoce el nombre de *Civitas Baniensis*, emplazada en el Castro de Baldoeiro (2) en cuyo recinto han sido hallados vestigios importantísimos de civilizaciones primitivas (3). En Vilarica mismo son famosas las esculturas de siete animales, berracos o «berrões», de granito que, semejantes a otras representaciones análogas cuyo destino está en discusión entre los arqueólogos, han sido halladas en un olivar inmediato a dicha Villa y se encuentran hoy en el Museo Etnológico, de Lisboa (4).

Añádase a lo antedicho que Vilarica se halla próxima a otras cecas visigodas conocidas como *Bergancia*, *Semure*, *Ventosa* y *Beriso*, sin contar con la de *Laurencio* que entendemos debe ser buscada por esta parte igualmente (5).

F. BOUZA-BREY.

Congresso Luso-Espanhol do Pôrto

De 18 a 24 de Junho de 1942 reuniu no Pôrto o Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, a cuja sessão inaugural, no Teatro de S. João, presidiu o Ministro da Educação Nacional, Sr. Dr. Mário de Figueiredo. Houve grande afluência de trabalhos e de congressistas dos dois países peninsulares, referindo-se à Antropologia, além do discurso inaugural — *Contributo de Espanhóis e Portugueses nos séculos XV e XVI para o conhecimento*

(1) J. R. dos Santos Júnior: *As serpentes grabadas do Castro de Baldoeiro (Moncorvo, Trás-os-Montes)*, IV sesión del Inst. Intern. de Antrop. en Portugal, 1930.

(2) Afonso Pereira Cabral: *Notas sobre a Civitas Baniensis*, en «Ilustração transmontana», Pôrto, 1910. Cit. por Santos Júnior.

(3) Santos Júnior: *As ruínas...*, pp. 8-9; *As serpentes...*, *passim*.

(4) J. R. dos Santos Júnior: *Sobrevivência folclórica dos berrões de Vilarica*, Pôrto, 1940. — P. J. Augusto Tavares: *Archeologia do Distrito de Bragança*. — J. Leite de Vasconcelos: *Religiões da Lusitânia*, cit. por Santos Júnior.

(5) F. Bouza Brey: *La ceca suevo-visigoda de Laurencio* en «Archivo de Arqueología», Madrid, 1942 y *Una nueva ceca suevo-visigoda en la diócesis de Portucale* in «Revista de Guimarães», 1942.

do Homem e das raças humanas — pelo presidente da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, as seguintes comunicações apresentadas:

H. Breuil, Maxime Vaultier e Georges Zbyszewski — *Primeira prospecção paleolítica no Algarve*.

Abel Viana — *Paleolítico do Baixo-Alentejo*.

H. Breuil, Orlando Ribeiro e Georges Zbyszewski — *As praias quaternárias e as indústrias pré-históricas do litoral do Alentejo entre Sines e Vila-Nova-de-Milfontes*.

Vergílio Correia — *Novos instrumentos da estação paleolítica da Mealhada*.

Afonso do Paço e Maxime Vaultier — *A gruta de Pôrto Covo*.

Armando Sousa Gomes — *As placas neolíticas portuguesas*.

Vergílio Ferreira — *O neo-eneolítico de Eira Pedrinha*.

Afonso do Paço e Maxime Vaultier — *Estação eneolítica do Estoril*. Eugénio Jalhay — *O castro eneolítico de Vila-Nova-de-S.-Pedro e as suas relações com o norte africano e o Mediterrâneo oriental*.

Afonso do Paço — *Uma vasilha de barro de grandes dimensões do «castro» de Vila-Nova-de-S.-Pedro*.

Fermin Bouza Brey — *Inventário de objectos pré-históricos del tesoro de Caldas (Galicia)*.

Rosa Capeans — *Antiguidades de Faião, Silva e Cabrela (Sintra)*.

Jean Ollivier — *Uma sobrevivência da Industria de La Tène: Espevitadores de fogão do Alentejo (Portugal)*.

Mário Lyster Franco — *As ruínas romanas do Milreu e os últimos trabalhos nelas realizados*.

F. Santos Serra Frazão — *Geografia de alguns prefixos das linguas bântus de Angola*.

Armando de Matos — *Projecto de um esquema geral de etnografia portuguesa*.

A. Santos Graça — *Inscrições tumulares por siglas*.

Fernando de Castro Pires de Lima — *O Mar e o Brasil. (Ensaio etnográfico)*.

Luís Chaves — *O Mar nas tradições portuguesas. (Ensaio etnográfico)*.

A. Lima Carneiro — *As crianças: Doenças e superstições*.

M. Cardoso Marta — *O humorismo do povo*.

Joaquim Fernandes Figueira — *A Botânica e a fantasia popular*. Jorge das Neves Larcher — *Lendas*.

J. R. dos Santos Júnior — *O «Chocalheiro» de Bemposta e o «Farandulo» de Tô (Mogadouro). Nota de etnografia transmontana*.

Luís da Silva Ribeiro — *O foliões do Espírito Santo nos Açores*.

- Alfredo Ataíde — *Representação estéreo-centesimal de tipos antropológicos.*
- Idem — *Tipos constitucionais e grupos sangüíneos.*
- Eusébio Tamagnini — *Correlações somáticas — Sua importância no ponto de vista da análise etnológica.*
- Dionisius Nyessen — *Para as relações geobiológicas entre o Timor Português e a Guiné Portuguesa.*
- A. A. Mendes Corrêa — *Dinamometria nos indígenas das Colônias.*
- Idem — *As tendências bio-étnicas do Brasil contemporâneo.*
- Antônio de Almeida — *Da correlação do crescimento das faneras dos Mahungos e dos Luangos adultos do sexo masculino.*
- Idem — *Sobre o índice esquelético dos Mahungos e dos Luangos do sexo masculino.*
- Hugo de Magalhães — *Resultados sobre o índice de Pignet pela aplicação duma escala centesimal.*
- João Gualberto de Barros e Cunha — *Descrição de um crânio notável do cemitério visigótico da Silveirona.*
- Idem — *Notícias recentes sobre a população de Timor.*
- Leopoldina Paulo — *Pragnatismo e a capacidade craniana no homem.*
- J. R. dos Santos Júnior — *Contribuição para o estudo antropológico dos Antumbas (Zambézia).*
- J. Dantin-Galego — *Comentarios a la Antropologia y Biotipologia constitucional de las razas hispanicas.*
- Idem — *Nuevo aparato para la medida de la protusion ocular como caracter psico-fisico antropologico-constitucional.*
- Santiago Alcobé — *Variaciones del color del iris con la edad en el hombre.*
- Antônio de Queirós Lopes — *Relações entre a estatura e certos caracteres métricos.*
- Antônio A. Temido — *O comprimento dos ossos dos membros e a reconstituição da estatura dos portugueses.*
- Luis de Pina — *Ácerca das proporções nos cânones biotipológicos portugueses.*
- José Antunes Serra — *Sobre a natureza das melaninas.*